

A LIGAÇÃO ESPECIAL DA ARGENTINA COM A GRÃ-BRETANHA NO FINAL DO SÉCULO XIX: TRATADOS E INVESTIMENTOS

Maria Heloisa Lenz
Técnica da FEE e Professora Assistente da UFRGS.

O relacionamento entre a Grã-Bretanha e a Argentina durante toda a sua história sempre foi complexo e com diversas nuances, variando de amizade a conflitos. Envolveu as relações econômicas e políticas, a visão que os ingleses e argentinos tinham um do outro, os tipos de investimentos ingleses na Argentina e até a questão do pequeno fluxo de imigrantes ingleses para a Argentina.

Em um importante trabalho sobre as intensas relações entre a Grã-Bretanha e a Argentina, os autores Hennessy e King (1992) deram o significativo título: "The Land that England Lost".¹ O título é bastante ilustrativo e dá uma idéia da dimensão da relação existente entre os dois países no final do século XIX e início do XX, que se tornou tão intensa que, no imaginário da época, a Argentina realmente fazia parte do Império Britânico ou pelo menos era sentida como uma parte perdida ou não-adquirida.

O presente trabalho tem como objetivo examinar a ligação especial que caracterizou as relações anglo-argentinas no período de intenso crescimento e será dividido em três partes. A primeira parte abordará o início do relacionamento entre os dois países, que, de tão intenso, marcou fortemente o período seguinte. A segunda tratará especificamente dessas relações a partir dos anos oitenta, quando inicia o intenso crescimento da economia argentina. A terceira examinará a grande participação dos investimentos ingleses na Argentina a partir dos anos oitenta.

O início das relações anglo-argentinas

Estudando a influência britânica na Argentina durante o século XIX até a Grande Depressão, Ferns (1992) afirmou que este país podia ser classificado, da mesma forma que a Austrália, o Canadá e os Estados Unidos como uma fronteira de negócios: uma fonte de matéria-prima e alimentos, um mercado para capital e bens de consumo, e uma área de oportunidades de investimento. Mas segundo ele, com um olhar mais atento ela revela

¹ Segundo Hennessy (1992), o título foi retirado da obra de W. H. Hudson's *The Purple Land That England Lost* de 1885. Segundo ele, embora o mesmo se referisse ao Uruguai, era mais aplicável para a Argentina que em 1806 uma manchete do *Times* anunciava que tinha se tornado parte do Império Britânico.

diferenças significativas. A mais importante foi que a Argentina, contrariamente à Austrália, ao Canadá e aos Estados Unidos, nunca recebeu imigrantes britânicos em uma escala capaz de modificar seriamente as características latinas e mediterrâneas da comunidade, nem sua cultura política. A falta de um considerável volume de imigração para assentamento permanente tornou a Argentina um país diferente, quando se fala do poder da política britânica, dos demais países da Comunidade Britânica.

A Inglaterra optou, assim, por uma forte relação econômica com a Argentina, baseada em um grande volume de investimentos, mas não de homens. Conforme ressalta Ferns (1979, 331), a história das relações econômicas anglo-argentinas do período de desenvolvimento refere - se a inversões de capital, e não à imigração.

Sobre esse relacionamento Jones (1992, p.63) fez o seguinte questionamento: "*Looking back over the whole of Argentine history the British may plausibly be cast either as progressive partners in the development of Argentine or as the creators of insuperable obstacles constraining economic life and public policy: engine or brake.*"

Os ingleses aparecem pela primeira vez na história argentina como rebeldes, atacando o monopólio comercial espanhol, estabelecendo relações com as Américas por meio do contrabando de bens manufaturados. Por um breve período, no início do século XVIII, a British South Sea Company tinha o direito legal de ofertar escravos para a América Espanhola. O contrato permitia à Companhia comercializar em vários portos, Buenos Aires entre eles, para armazenar outros bens além de escravos, viajar e comercializar no interior. "*But so blatant and comprehensive was British abuse of these privileges that the national image of malfeasance, established by Drake and his generation, was hardly damaged.* Batchelor apud Jones, 1992, p. (65).

Segundo Hennessy (1992), o começo dos britânicos na Argentina foi, na verdade, humilhante, marcado pela derrota militar inglesa em 1806 e 1807, primeiro com a expedição de Sir Home Popham, seguida pela expedição punitiva do General Whitelocke nos anos seguintes. Mas que as bandeiras britânicas dos regimentos capturados, penduradas nas igrejas, ficaram como um memorial da desventura do General Whitelocke (em corte marcial e demitido do serviço) por ter favorecido a vitória crioula.²

² Segundo (Ferns, 1960), as confusões entre ingleses e argentinos começaram em 1806-77 e terminaram com o tratado que lorde Palmerston e Rosas assinaram em 1849. O estabelecimento de um estado de bom entendimento e cordialidade recebeu uma expressão simbólica em uma saudação britânica à bandeira argentina, como reconhecimento da soberania argentina no Rio da Prata. A partir de então, o poder político foi eliminado como fator decisivo nas relações anglo-argentinas e as relações entre a Grã-Bretanha e a Argentina passaram a ser primordialmente econômicas e os principais protagonistas, ao menos do lado britânico, eram empresários e engenheiros.

O chamado "Império Informal" da presença britânica na Argentina era um assunto de negociantes e financistas, com as grandes decisões sendo deixadas para o funcionamento do mercado. Para Hennessy (1992), a Argentina era, na maioria dos casos, um mercado muito competitivo, aonde os negociantes chegaram sem os benefícios do suporte de um império e tiveram de enfrentar sozinhos os ventos frios da competição. Mas em 1810, com o controle dos mares, os britânicos estavam na frente e capazes de enfrentar as novas oportunidades e atividades.

Assim, a Região do Prata, emergiu no fim do século XIX contra a correnteza do Império Espanhol através da sua riqueza em gado, "(...) seu couro cru satisfazendo a demanda feroz por couro dos exércitos europeus e suas carcaças providenciando a carne salgada para a comida básica do Brasil e plantação escrava de Cuba. Riqueza poder embasou a influência do gado". Hennessy (1992 p.15). A criação do gado foi, portanto, uma resposta inevitável para a demanda de mercado e a escassez do trabalho.³ Em 1844 o inglês Richard Newton começou a usar cerca de arame em suas terras, prefigurando a introdução do arame farpado em 1870, que tornou o gado domesticado. Segundo Hennessy (1992), o cercamento dos pampas foi tão revolucionário nas suas conseqüências sociais quanto as *enclosures* tinham sido no século XVI na Inglaterra, sinalizando o fim da exploração de área aberta e transformando o campo gaúcho de extensão aberta em uma forma arrendada. Além disso, lembra que quando a Sociedade Rural argentina foi fundada em 1866, muitos cidadãos britânicos tornaram-se importantes membros da mesma.

Nos anos que seguiram, a influência britânica seria exercida sem os benefícios da coerção militar, com exceção da falta de sucesso do bloqueio dos anos 1840, e, sendo uma sociedade *nouveau riche*, os negócios seriam conduzidos sem os refinamentos do protocolo aristocrático. Hennessy (1992).

Assim, na Argentina a inserção nacional no sistema imperial britânico não foi, em que pesem as simplificações do passado, o resultado automático do surgimento da Inglaterra como potência hegemônica. Pelo contrário, segundo Zapiopla (1975, p.11), "*[...] costó muchos años de sangre y fuego a los intereses imperialistas y a sus aliados locales que a Argentina estuviera en condiciones de convertirse en granero del imperio y a la vez en su fuerte deudora.*"

³ Com a invenção do *Frigorífico* em 1876, a carne argentina poderia ser produzida para o paladar inglês e logo passou a consistir 2/3 da carne importada pela Inglaterra e tornar-se um dos produtos exportáveis dentro da política de comida barata perseguida pelo governo inglês desde então até 1960. Hennessy (1992 p.15).

Na década de 70 do século XIX, novas companhias foram criadas para ser uma nova faceta de uma parceria em desenvolvimento: na verdade uma continuação da parceria principal de concessões para corporações inglesas. Para os britânicos, o equilíbrio algumas vezes fragmentário de um casamento entre os grandes proprietários e os residentes britânicos indicava uma tranqüila e progressiva integração da elite mercantil inglesa no governo argentino nessa época. (Jones,1992, p.71), apresenta um interessante exemplo dessas relações: "*The original Argentine concessions, out of which grew the Great the Great Southern Railway Company or the London and River Plate Bank, were given to men like George Drabble and Edward Lumb: known and trusted by those in power; owners, like themselves, of great estancias.*"

O estudo dos investimentos ingleses já chamou a atenção pelas grandes somas investidas e pela escassez das contribuições individuais. Os indivíduos que tinham fundos na Inglaterra necessitavam tomar só uma decisão: transferir os fundos ou não, e essa decisão era tomada pela idéia de uma abstração chamada Argentina, conhecida como aquela parte do mundo que rendia bons rendimentos sobre o capital. Os investidores ingleses não sabiam a diferença entre a Argentina, o México e o Brasil e a distinção entre a Província de Buenos Aires e a República Argentina também era demasiadamente sutil. Na verdade o nome de uma firma bancária como o do Banco Baring Brothers, ou Murieta & Company significava mais para os investidores do que os nomes Argentina ou Buenos Aires.

Um dos principais aspectos das relações entre a Argentina e a Grã Bretanha foi à assinatura de tratados econômicos⁴ cujas negociações refletia as diferentes visões que as duas nações possuíam a respeito do papel do Estado na condução da política de investimentos. Os negociadores tinham uma visão liberal do relacionamento entre governo e empresas: ao primeiro caberia fixar apenas o aparato de leis, e, aos proprietários e os trabalhadores, deixar para o mercado a determinação do crescimento econômico. Na Argentina o papel do governo era completamente diferente. Os governos federal e provincial não só recomendavam aos empreendimentos privados a busca de empréstimos nos mercados internacionais de capitais com o objetivo de financiar estradas de ferro, portos, como também asseguravam seus lucros. Assim, havia uma assimetria nas relações financeiras Anglo-Argentinas na esfera do tratamento das relações do comércio e dos direitos de propriedade. De acordo com (Ferns, 1992), na Argentina o governo teve um

⁴ Referencia aos principais Tratados Angloargentinos de 1825 e de 1849.

papel positivo em induzir investimento, mas o governo britânico não atuou com a mesma intensidade em relação aos investimentos dos capitais britânicos na Argentina.

Quando os investidores ingleses encontraram - se em dificuldades em função dos empréstimos governamentais argentinos, no primeiro empréstimo Baring e novamente durante a moratória que levou a Baring Crisis dos anos 1890, houve muitos apelos para que o governo britânico interviesse em favor dos britânicos. Ele, porém, sempre se recusou a fazer mais do que chamar a atenção das autoridades argentinas para o problema. Ainda nos anos 1840, mais especificamente, em janeiro de 1848, com uma Circular de Lorde Palmerston endereçada aos representantes de sua Majestade em Estados Estrangeiros a respeito dos débitos estrangeiros, é datada como o início desta política:

"For the British Government has considered that the losses of imprudent men who have placed mistaken confidence in the good faith of foreign Governments would prove a salutary warning to others, and would prevent any other loan from being raised in Great Britain except by Governments of known good faith and of ascertained solvency.(Platt apud Ferns1992, p.54).

As relações da Inglaterra com a Argentina a partir dos anos oitenta do século XIX

No início dos anos oitenta, quando começou a importante onda de investimentos na Argentina, - no ano de 1889 a Argentina absorveu entre 40% e 50% de todos os fundos de investimentos de fora da Grã-Bretanha - também teve início uma nova era nas relações entre os dois países. (Ferns, 1960 p. 397).

A conexão anglo-argentina foi criada como parte do império de livre comércio britânico do século XIX. Segundo MacDonald (1992), essa dependência estava alicerçada em um mundo dividido em especializações de trabalho, no qual a Argentina providenciava carne e grãos para a metrópole industrial britânica, enquanto os britânicos provinham os argentinos com bens industrial e capital necessários para desenvolver os pampas.⁵

O *boom* da economia agrícola enriqueceu os proprietários argentinos que abraçaram a conexão anglo-argentina como a chave do progresso econômico. A oligarquia *estanciera* que controlava os níveis da política e poder econômico, com interesses no comércio de carne, não tinha por que questionar a influência inglesa e a conseqüente divisão de trabalho

⁵ Segundo Abreu (2000), a França era o mercado mais importante para a Argentina nos anos 1880, absorvendo mais do que 30% das exportações. Somente na virada do século, particularmente depois de 1907, é que este status foi assumido pela Grã-Bretanha a ponto de no final da década de 1920 35% e 40% das exportações argentinas serem direcionadas para a Inglaterra.

mundial da época. Os britânicos azeitaram a sua posição, segundo Rock apud MacDonald (1992, p.81): "[...] *highly extensive system of semi-institutionalised direct linkages with the elite. They had important allies at cabinet and congressional level, and an influential voice (...) in many of the...leading press organs...The British lobby ranked with the cattlemen's association as the most powerful in country.*

Os britânicos estavam confortáveis com essa culta aristocracia dedicada ao livre comércio, cujos clubes e interesses em terra constituíam-se em uma cópia da elite Eduardiana que dirigia o Império Britânico. Não surpreende que nessas circunstâncias eles acreditassem que haviam criado a Argentina e esperavam que os argentinos lhes fossem devidamente agradecidos. De fato, a conexão era uma aliança de conveniência. Ela funcionou sem problemas somente enquanto os britânicos detinham o poder industrial e a Argentina não questionou a divisão internacional do trabalho. E isso requeria, para MacDonald (1992), a dominância da classe dos pecuaristas e a identificação do interesse nacional com a exportação de carne.

Pela extensão da predominância britânica na vida econômica argentina, tornou-se comum descrever a Argentina como parte britânica do “império informal”, na verdade como “sexto domínio.” A influência dos ingleses podia ser sentida em todos os aspectos da vida argentina, além das econômicas e políticas, na língua, na atividade econômica e social, nos hábitos e na arquitetura.

As sociedades anônimas britânicas que investiram na Argentina não necessitavam só de capital, mas também de homens que as administrassem e as construíssem. O país necessitava de duas classes de conhecimento e capacidade: primeiro, o conhecimento técnico e comercial indispensável para construir e fazer funcionar, por exemplo, as estradas de ferro, e segundo, o conhecimento da comunidade argentina, de sua política, de suas necessidades, de seus recursos e de seu povo. Os membros da comunidade britânica, e especialmente os que viviam na Argentina, eram segundo Ferns (1969), durante a fase do desenvolvimento do fim do século XIX, os únicos capacitados no que se refere a este conhecimento.

Os exemplos dos cidadãos ingleses como grandes empreendedores na Argentina foram inúmeros: Edward Lumb, como já foi visto, que obteve a concessão original para construir o Ferrocarril Gran Sur de Buenos Aires, era uma figura proeminente com cerca de trinta anos de experiência nos círculos comerciais de Buenos Aires. Um dos principais diretores do Ferrocarril Central Argentino, Thomas Armstrong, tinha uma larga experiência em bancos comerciais argentinos. Frank Parish, durante muitos anos presidente do Gran

Sur de Buenos Aires, era filho de Sir Woodbine Parish e seus filhos foram, por sua vez, membros da diretoria de uma grande variedade de empresas argentinas. Thomas Fair, um diretor das estradas de ferro, companhia de terras, bancos e serviços públicos, era um comerciante do Rio da Prata cujo pai se havia estabelecido em Buenos Aires em 1810, o ano da revolução argentina. G.W Drabble, o presidente do Banco de Londres y Río de la Plata, foi membro do diretório de várias companhias ferroviárias e um pioneiro no negócio da carne congelada. Como lembra Ferns (1979, p. 335), Drabble havia chegado a Buenos Aires em 1848, para trabalhar na filial da empresa de sua família em Manchester, que era exportadora de artigos de algodão. Na década de 1850 já havia agregado uma estância a seu negócio de algodão e investiu uma pequena soma no Ferrocarril Central Argentino. Ele também chegou a presidente do Banco de Londres e dessa posição ramificou sua influência através de algumas das principais empresas do país. Após intensificou sua participação na esfera política, com ação na administração, na reconversão de companhias de estradas de ferro de baixo rendimento em empresas produtivas e na promoção de fusões de companhias.

Quando a afluência de capital começou a diminuir em 1885, a administração do general Roca decidiu tomar algumas medidas para restaurar a confiança tão necessária para induzir os investidores a comprar títulos argentinos, ações ferroviárias e documentos similares. Carlos Pellegrini foi enviado à Europa, onde negociou diretamente com um Comitê de banqueiros que representava o Banco de Paris e dos Países Baixos, o *Comptoir d'Escompte* de Paris, A. y B. Cahen d'Anvers, a Sociedade Geral do Comércio e Indústria, e os banqueiros Baring Brothers e Morgan. Nem o governo britânico nem o Banco da Inglaterra tiveram ingerência alguma no acordo firmado por Pellegrini para hipotecar as rendas aduaneiras argentinas, comprometendo-se assim a não pedir mais empréstimos sem o consentimento dos bancos.

As relações entre argentinos e ingleses começaram novamente a sofrer fricções, passada a euforia do início da década de 1880. Já nos meados desta década, os acionistas britânicos das estradas de ferro começaram a exigir maiores dividendos. A resposta a essas exigências de acionistas teve várias conseqüências: pressão das autoridades públicas argentinas, tanto federal como das províncias, para pagamento que garantissem os lucros. Segundo Ferns (1980), ainda que o governo britânico não tenha intervindo nesses acontecimentos, seu representante em Buenos Aires, George Jenner, advertiu claramente que os proprietários britânicos das estradas de ferro teriam problemas sérios caso isso não acontecesse.

Em 1888 todo o processo de inversão e desenvolvimento estava fora do controle, e particularmente fora do controle do governo argentino. Nos 18 meses que seguiram ao informe de Jenner, aconteceu uma série de acontecimentos fiscais e econômicos que foi denominada na literatura de Crise Baring.

Outra faceta importante das relações anglo-argentinas foi o fato de que mesmo com a extrema interação econômica e política entre os dois países, não tenha havido um importante contingente de imigração inglesa para a Argentina.

Embora Juan Alberdi, o criador da frase, "Gobernar es Poblar", estivesse ansioso para atrair fazendeiros da Europa, descrevendo o britânico como "o mais perfeito dos homens", poucos britânicos se interessaram por adotar a exploração agrícola. Foram os espanhóis, suíços, alemães, franceses, italianos que aceitaram o desafio. (Jefferson, apud Hennessy, 1992,p.14).

Muitos fatores, além da inaptidão e falta de interesse na produção de gado, desestimularam uma forte imigração inglesa.

Um deles foi o relatório do Cônsul inglês, em 1872, advertindo fortemente quanto à imigração para a Argentina. Por sua leitura, dessa vez não eram os índios, mas sim os *gauchos malos* os vilões, que teriam matado quatorze fazendeiros, inclusive ingleses, em uma rebelião dos nativos argentinos. A sua publicação, assim, novamente teve o efeito de interromper os fluxos estrangeiros para os pampas. (Slatta apud Hennessy, 1992). O pensamento inglês da época era que a vida na Argentina era cheia de aventuras e oportunidades para acumular bastante capital e depois gozar a vida na Inglaterra. Ao menos neste aspecto eles dividiram com os espanhóis a mentalidade de *hacer la América*. Mas tinham mais interesse em investir em estradas de ferro e em outros negócios rentáveis do que fazer parte da formação da força de trabalho argentina. (Hennessy, 1992).

Em 1871 o Governo Britânico pediu ao Cônsul Geral que informasse sobre as condições da imigração para a Argentina. (Ferns, 1979). O Cônsul não via grandes perspectivas de crescimento para a comunidade britânica. Ele expressava uma opinião ambígua sobre os argentinos:

"Los habitantes de la ciudad han cedido en alguna medida, y especialmente en la capital, a la civilización en progreso introducida por el elemento extranjero de la población, y son educados, refinados e inteligentes, pero por lo general perezosos, corruptibles y muy envidiosos de lo extranjero, especialmente de las innovaciones y las empresas inglesas". (Parliamentary Papers,1872 apud Ferns (1979, p.369-370).